

## 5 Considerações finais

Neste trabalho, procurei explorar mais verticalmente um deslocamento no modo como compreendemos a linguagem, a partir de uma base teórica que venho estudando há algum tempo e que, ao tentar nos reconduzir ao lugar onde já estamos, mais nos mobiliza que imobiliza.

O pensamento wittgensteiniano, assim como a ficção pensante de Beckett, são temas certamente dos mais apaixonantes e, numa mesma proporção, assustadores e instigantes; deslocam-nos para lugares que passam longe do conforto. Wittgenstein nos convoca a reconduzir o nome aos seus usos mais cotidianos, ao passo que Beckett retira os nomes dos comportamentos que, com óculos de lentes representacionistas, ainda de modo meio automático, esperamos deles.

Não é nada fácil *olhar e ver*, assumindo os riscos e escorregões inerentes ao ato de nos lançarmos em uma imersão nos usos mais cotidianos que fazemos da linguagem, e experimentar radicalmente os efeitos de compreender que a análise puramente teórica de fenômenos como o comportamento da classe de palavras a que me dediquei nestas páginas, se é possível, seria muito pouco útil — pelo menos para quem faz o tipo de aposta de que tratei aqui.

Assim, ao escrever esta tese, foi constante recordar de uma declaração dada por Wittgenstein sobre as suas reflexões: "*I do philosophy like an old woman, always misplacing things, now my glasses, now my keys*" — mas, mais uma vez, não vendo nisso (dis)posição negativa. Certamente o crescimento gerado pela experiência da difícil reflexão a que me lancei aqui foi imenso.

Muitos outros caminhos de igual fôlego certamente poderiam ter sido traçados aqui, como aquele que passaria pelo viés psicanalítico. As identidades em decomposição da obra de Beckett o indicam, bem como o diálogo de peso que Wittgenstein teve com tal área. No entanto, me concentrei em tentar viver a experiência de, distanciando-me também de um caminho cético, me deixar levar pelas provocações e pelos alertas, ora entendendo ora "desentendendo", tal como a velhinha wittgensteiniana.

Os debates que Wittgenstein traça no interior mesmo de cada parágrafo das suas *Investigações* — em que, sem marcações gráficas, a sua voz se reveza com a de seus muitos "interlocutores — causam em mim, não raro, sensação semelhante àquela promovida pelo movimento de convite ao simbólico seguido sempre da suspensão do nosso impulso à interpretação simbólica, que vimos ser recorrente no texto de Beckett.

Este caminho certamente me conduz a um lugar em que não há silêncio — o zumbido do nosso real e imperfeito mundo não abandona meus ouvidos. Assunto e experiência se entrecruzaram nestes anos de pesquisa, uma vez que ao escrever eu sofria com a dificuldade de formular um texto que não recaísse em falas de fundo representacionista — estando plenamente ciente de que tal tarefa é extremamente difícil, já que o vocabulário de que disponho é o mesmo de sempre e que, como nós, está entrecido com um longo histórico de hegemonia daquele modo de ver e compreender a linguagem.

O não silêncio, portanto, se confunde em vários zumbidos, um dos quais é certamente a permanência do nosso impulso à interpretação simbólica — muito bem retratado nas palavras de Beckett: "*For in the forest of symbols that are no symbols, the birds of interpretation, that is no interpretation, are never silent.*"<sup>86</sup> (Três diálogos a Georges Duthuit).

Outros zumbidos eu os associo positivamente à libertação que se dá quando passamos à tomar parte das práticas humanas mais livres da expectativa de que deva haver algo que nos leve a acertar sempre. Refiro-me a um zumbido que faz parte da aceitação de que o tipo de garantia a que temos acesso é proporcional à volatilidade das nossas práticas: é, pois, o zumbido do risco, que resulta do momento em que deixamos de procurar por um solo liso e aceitamos o áspero — e assim podemos caminhar, normalmente, sob o risco humano de, eventualmente, nos estabacarmos.

Não se trata, no entanto, de um panorama pessimista este a que somos reconduzidos pela filosofia poética de Wittgenstein e pela poesia filosófica de Beckett. E, com este último, pego minha bicicleta, ponho o meu chapéu, e sigo: "Há algo mais que uma diferença de grau entre viver a escassez do mundo, escassez de si (*self*), e encontrar-se completamente *sem* essas estimadas comodidades. Um é um embaraço, o outro não." (GE IV 179).

---

<sup>86</sup> "Pois na floresta de símbolos, que não são nenhum, os pequenos pássaros da interpretação, que não é nenhuma, nunca silenciam."